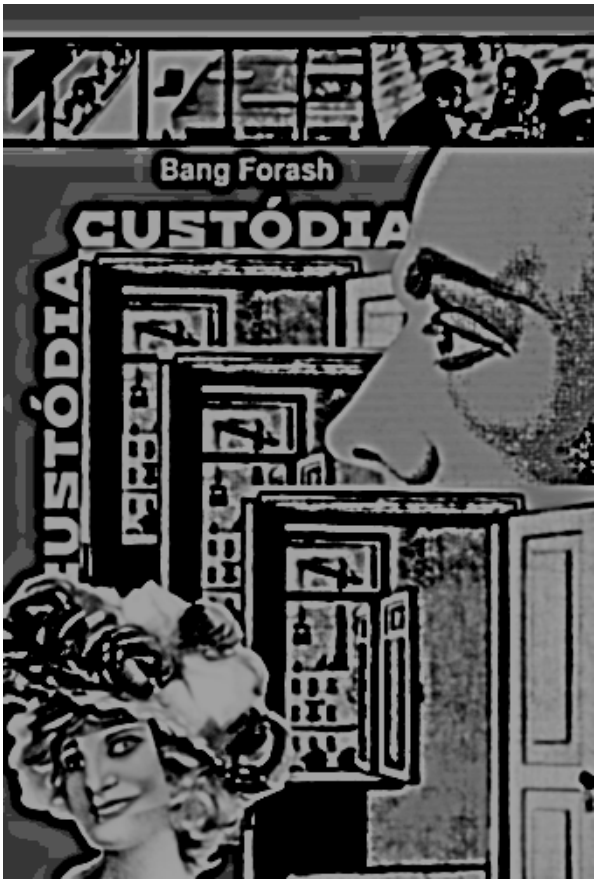
RAMELA

n. 1

JÁ FOI LANÇADA ESSA MERDA DE BANG FORASH!



Baixe de graça em algum lugar da internet, ou então gaste seu dinheiro comprando um troço desses de apenas 26 páginas pelo preço de um livro com mais de 200 páginas.

Um jovem estudante normal, ou mais ou menos isso; um paramédico normal, ou mais ou menos isso; e mais gente com muito de mais ou menos isso.
Essas pessoas seguem a vida, mas sem conseguir desviar o olhar para a morte. E qual das duas inseparáveis adversárias fica de predileta numa vida normal, estabelecida socialmente com um emprego pouco sadio e estudos inevitáveis?
Não importa a resposta, pois isso e CUSTÓDIA.

* Edição e texto de BANG FORASH!

* Ilustrações de Bang Forash (menos a da página 7, que é de *OpenClip-Vectors.*

EDITORIAL

Aqui estamos eu sozinho dividindo polêmicas intrusivas do meu pensamento com quem, infelizmente, tenha caído na grandiosa oponente do mundo das publicações desconhecidas, RAMELA.

Não tem nada aqui que possa te edificar, que possa acrescentar algo em sua vida miserável montada em horas que se arrastam durante o dia que te mata rapidamente.

Ramela é pra quem dorme pouco. Dorme mal. Amanhece sem saber se conseguiu dormir. Os olhos podres como a mente.

Amanhece e é hora de levantar. Mas RAMELA é escrita em pura insanidade e insônia.

Sou Bang Forash e este é meu zine, como nos velhos tempos do mimeógrafo, da fotocópia da esquina.

Agora, relaxa aí que a coisa vai ficar feia.

parece

me parece que possuo algumas histórias totalmente fora da casinha para contar. algumas já tenho, outras posso ter e, de todo modo, digo que tenho. pois, como um sincero trapaceiro da literatura, posso dizer que falto com a sinceridade e mesmo assim ser sincero. não há óbice algum diante de mim em nosso tempo.

aqui, seja cínico ou meramente um amante das coisas lindas da vida, cai no mesmo buraco, bebe a mesmo mijo, come a mesma merda e ainda por cima morre abraçado ao seu inimigo enquanto canta o hino nacional a chorar na parte que fala sobre um filho teu não fugir à luta.

é certo que não podemos excluir tal parte do nosso hino, é a premissa do "mato ou morro". esta anedota velha é sempre engraçada. então deixa aí na música para darmos risada conforme for necessário. na anedota, o machão, no meio da briga, grita: "ou mato, ou morro", mas não iria matar e nem morrer, iria correr para o mato ou para o morro a fim de preservar sua integridade física. a anedota sempre escutei de gaúchos. ditos machos. mas o macho narrado no "mato ou morro" seria diferente deles, assim como bandido bom é aquele que não é eu nem meu próximo, ou então o fator do lutador que sempre havia defendido a exclusão eterna do esporte de qualquer um que fosse pego num exame antidoping. isso até o próprio lutador ser pego num exame antidoping.

aí é sempre engano. e, portanto, vacilos humanos costumam ser engraçados, se não forem graves, claro.

opa, mas dependendo do que se entende por gravidade, poderá variar a graça. no momento há sadismo insaciável, logo, é provável um contentamento amplo, do tropeço do gurizinho até a velhinha resvalando nos santinhos dos políticos jogados no chão das ruas no dia da votação.

no mínimo intrigante são essas peripécias da diversão, do tombo aos santinhos. é que não consigo imaginar outra expressão de pessoal passando de carro na madrugada de sábado para domingo e jogando os lixos estampados com os rostos de lixos nas ruas, que não seja de alegria, sabe? exato! diversão em tapar as ruas de lixo. satisfação de poder estar contribuindo para alegria pessoal. enganar-se a si. fazer parte da enganação geral do candidato aprovador da derrubada de lixo nas ruas.

quando a velhinha cai, não aparece nenhum deles. se alguém sorriu junto, se calou junto. é regra indispensável. então, nada como um dia depois do outro. se o candidato perder, tanto faz, se ele ganhar, é lucro. estou falando sobre o maluco jogador de lixo nas ruas. coisa simples, coisa de trabalhador, gente ética, essas coisas... gente aguerrida que aceita qualquer trabalho humilhante para parecer virtuosa e jamais se tornar escrava.

parece que está tudo desencontrado nos assuntos que falei? será? repare que o barco é o mesmo.

esperando

ficava horas lá embaixo esperando.

sete horas da noite, enrolava até quase nove.

depois dávamos um descanso em forma de passeio.

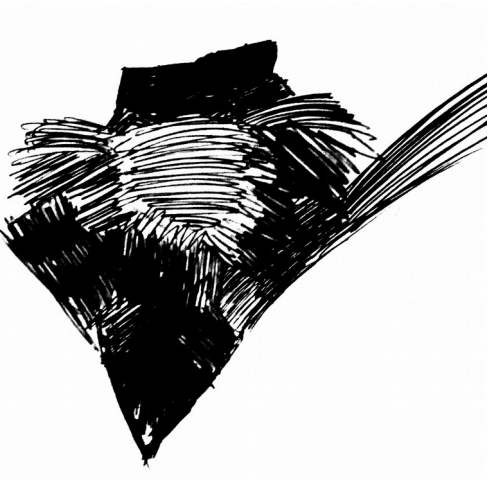
depois ficava lá esperando.

lia alguma coisa sentado num dos bancos.

na real, acho que até assustava os transeuntes.

depois, hora de ir embora.

acabava-se a sessão.



ia voltando para casa com medo de ladrão ou algo que o valha.

fim do primeiro ato, resumo de um ponto específico no ano. da outra vez meio que isso não teve. no outro ponto anual meio que isso não teve.

ficar esperando... para alguém se propor a ficar esperando outra pessoa, pois lhe digo, é loucura, paixão ou amor. talvez não haja de fato distinção entre loucura, paixão ou amor. todos os três devem possuir a particularidade da espera.

as noites de verão são ruins porque tem muita gente nas ruas e isso conta também os variados barulhos irritantes, das músicas às falas. as noites de inverno são ruins porque são muito frias.

então fica uma luz aí: se alguém já esperou por ti, ao menos por mais de uma hora, isso poderá ser verdadeira merda.

regra dourada

se tem uma coisa que entendo é de merda. isso porque assisti muita televisão até descobrir a real finalidade do aparelho. ou seja, aquilo que todo mundo, no fundo, sabe. então, na falta de alguma coisa pra ligar nela, tipo um videocassete, eis que meus olhos e ouvidos serviram, por um tempo, como os mais belos penicos diante das maiores e mais fétidas crises de diarreia patrocinadas.

sendo assim, possuo capacidade de saber se algo é, ou será, ou foi, uma merda sem precisar conferir em maiores detalhes.

as pessoas não acreditam nessa minha capacidade. infelizmente.

todo dia, tirando os dias em que não me acordo cedo, tomo banho e saio pelas ruas, evidentemente, com algum destino. e é quando as pessoas começam a querer falar sobre coisas complexas, se horrorizando e buscando soluções sobrenaturalmente psicológicas, penso: quebraram a regra dourada da caganeira. essa regra é simplesmente a ideia de jamais mexer no elemento recém cagado.

tá lá a merda já causando repúdio, infernizando, sujando, fedendo. então deixe a natureza resolver. não invente de pegar um pauzinho e coisar ali pra ver no que dá! deixa a merda inerte, pelo amor de todos os santos de barro! essa do pauzinho pode ser pior do que descarga estragada em banheiro público. e uma vez estava eu esperando pra amputar parte do cabelo e senti como se meus neurônios tivessem se transformado nos azulejos do banheiro lá da praça central.

bom, de qualquer maneira, entre reclamações, compras, vendas, ganhos, dinheiro, vou me recolhendo aos meus aposentos onde poderei sonhar com cheirosas flores. mas não muito, pois tenho alergia...

velhote

realmente ando bem velho. me falta paciência agora. tipo, se eu quero um milhão de reais agora? pode ser, responto. certo, mas para isso tem que ir até o cartório assinar o recibo, me dizem. já respondo: não, obrigado, tenho que tirar um cochilo.

é fácil abrir qualquer livro e ler.

saborear histórias em quadrinhos!

melhor ainda dormir despreocupado se vai acordar a tempo ou desperdiçar tempo importante para a progressão vital.

foda-se.

velhice deve ser isso. deve ser bom.

não consultei nada a fim de saber se realmente é velhice, mas nem vou consultar por não ter saco.

pessoas falando coisas chegam a me deixar enjoado. logo, melhor longe delas. nada de consultar elas.

a tecnologia é mesmo eficiente nesse ponto. encheu o saco? tchau.

e se há de pensar alguém que estou achando ruim, engana-se. aqui faço apenas me gabar, como alguém que tivesse ganho um milhão de reais. finalmente fiquei velho!

não se dar ao luxo de cansar, não se dar ao luxo da incomodação em detrimento de uma bela soneca, é ótimo!

pra mim, é assim. fim.

uruburologia integrada

pensava antes que certos jornalistas, na verdade, haviam terminado algum tipo de transplante de cérebros com urubus. entende? quero dizer, alguns deles acreditavam entrar em um curso de jornalismo, mas, na realidade, se tratava apenas de um experimento para troca de cérebros com urubus. mas creio que estive equivocado quanto a essa ideia.

talvez até o meu cérebro é que tenha sido trocado por um de urubu.

urubus possuem, podemos dizer, moral acima da humana na maioria dos casos grotescos. ao contrário desses seletos jornalistas tarados por mortes de todo tipo, preferivelmente as mais sangrentas, os urubus não preferem, apenas a utilizam na sobrevivência.

o urubu espera morrer. ele ataca é na carniça. outras espécies animais, principalmente aquelas que apresentam programas moralistas e fascistas tapados de sangue e violência da vida real, atacam diretamente a dignidade de seres humanos.

depois, urubus fazem seus ninhos longe da espécie humana, o que deve garantir boa saúde mental de qualquer um, penso.

aí saem para comer, comem o que já morreu e se retiram.

quer dizer, o urubu ajuda ao eliminar o que deve ser eliminado por ele e segue o rumo sem colocar outros em seus problemas particulares do outro.

por fim, a visão dos urubus é aprimorada. outras espécies só possuem olfato para a podridão mesmo.

urubus são magníficos.

inimigos colecionáveis

provocar é muito bom. cada dia que passa tento ser mais provocador.

quanto mais provocador, melhor se consegue atravessar problemas sem apelar aos farsantes do bem viver e melhor se estabelece o próprio fator da existência.

mais inimigos se consegue assim.

e o melhor é a parte do aumento de inimigos.

em nossa época, se você não percebeu, vale mesmo quantidade, independente do que for. ora, acho que todo mundo sabe disso... tem até ditado popular sobre...

seguindo:

e, bem, como os amigos podem ser limitados por causa de fatores como, por exemplo, amor,parceria, entre outros, se faz maior felicidade colecionando inimigos. os inimigos não demandam esforço da sua parte e mesmo assim estarão sempre com você.

ando colecionando inimigos.

além do favorecimento no mundo dos negócios pessoais, os inimigos é que ficam com a maior carga de aborrecimento.

os inimigos se aborrecem por mim enquanto fico de boa aproveitando isso.

há de comum que se aborrecer, no sentido da raiva cega. é interessante.

outra coisa boa do inimigo é a certeza que ele passa de ser inimigo. comentemos: ter certeza pode ser bom em boa parte das vezes. logo, ter certeza de que a pessoa não é amiga, é um grande passo ao convívio saudável.

se por ventura alguém não entendeu ainda, ilustrarei o quão bom para a vida é ter o seu inimigo de estimação.

senão vejamos... duas horas da madrugada. hora de sair coisas impressionantes. na noite os interesses em provocar a mim mesmo despertam e ninguém consegue, ou conseguiria, frear.

chega a ser maldoso pensar assim.

se me provoco, como terapia, tendo a exalar por textos toda a perturbação. contudo, nenhuma perturbação pode ser completamente exalada. então os nervos se enchem de energia e disparo uma provocação com intenções claras de destruição!

ah, a saudosa destruição!

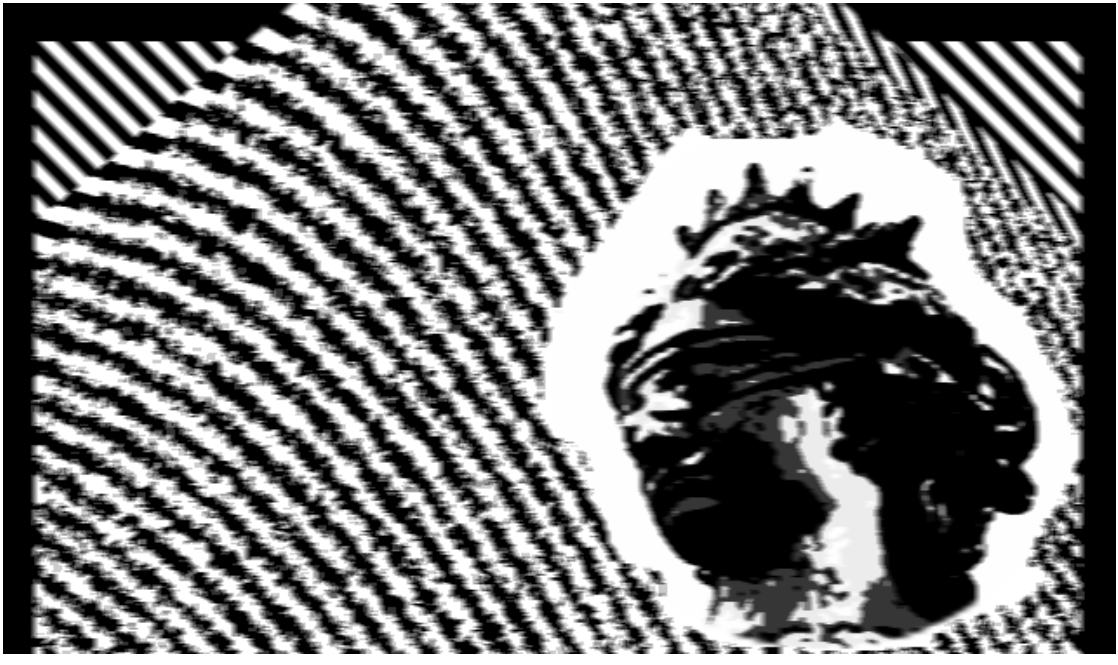
depois de destruir, passo a distribuir.

outrossim, minha coleção de inimigos é uma coleção egoísta.

da lista dos inimigos raros, prefiro não mostrar a ninguém.

colecionam de tudo nesta vida, de cédulas monetárias desvalorizadas até tampinhas de garrafas enferrujadas.

mas outros colecionam sonhos. tipo eu antes, já colecionei sonhos. mas cheguei na fase adulta, até faz um certo tempo, logo, para obter esses sonhos, preciso elevar minha cota de inimigos primeiro.



devolução

um dia chegou, nem a vi, e pá! jogou uma bolsa com a devolução dos meus livros.

lá dentro, obras por demais interessantes. e, bem, quando uma pessoa devolve algo de hemingway sem ainda ter lido, algum ponto deve estar querendo esclarecer.

esses livros todos, alguns de dois pila, outros mais caros, tanto faz, estão na bolsa ainda ali no chão.

até quando continuarão ali?

e eu vou saber? não há importância aonde se metem coisas, aonde explodem outras e descansam as mesmas. não!

bem que eu tentei alertar. não precisa devolver livros quando ainda não leu. não precisa ser como quem não devolve mesmo depois de ler, mas devolver só depois de ler é quase que tarefa irrenunciável. se já li antes do empréstimo, pode ser que eu me sinta como o bom samaritano ao impedir a devolução.

sabe, aquele bom samaritano foi um cara que devia estar alucinando pelo sol do deserto. de certo foi isso. quem foi salvo por ele nem tinha problemas com o sol, talvez, quem vai saber realmente? o grande problema do sol é a exclusão. poderia estar se enfiando num lugar escuro, mal iluminado e lendo. lendo livros que não eram seus. e nem precisaria devolver depois.

mas daqui a alguns anos, talvez, se eu for fazer alguma arrumação, passarei a vista para ver quais livros foram devolvidos.

= = * = =

abril de 2025